

# **TORGA: MAIS MACERAÇÃO DO QUE DEVOÇÃO NUM PERCURSO DE ARQUETÍPICA COERÊNCIA**

**Mário Pinto**

Professor Auxiliar - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (UFP)

[mpinto@ufp.pt](mailto:mpinto@ufp.pt)

### **Resumo**

Efemérides justificativas de merecida evocação, efectuada de uma perspectiva triádica: a obrigação (a medicina), a devoção (a produção literária) e a maceração (a política). Crucialidade da primeira para a subsistência e como suporte económico da segunda e seu *leit-motiv*. Condicionalismos e dificuldades da escrita: a incessante busca do rigor frásico, o perfeccionismo expressivo. A política antes e após o 25 de Abril. A decepção com o curso dos acontecimentos: os "revolucionários de pronto-a-vestir", o arrivismo despuorado, o desbragado oportunismo reivindicativo. Afastamento gradual desta política. Cepticismo com que encara o futuro.

### **Abstract**

Ephemeris that justify the deserved devotion, by a triple perspective: the obligation (medicine), the devotion (his writing) and his torture (politics). Importance of the first for the upholding and economic support of the second and its leit-motiv. Politics before and after April 25<sup>th</sup>. Disappointment with the turn of events: the "ready to wear" revolutionaries, scandalous expedience, the immoderate claiming opportunism. The progressive passing away from this politics. Scepticism towards the future.

Tal como há números que da perspectiva das significações subliminares são perfeitamente anódinos, outros existem que se apresentam embebidos em ligações colaterais, uberosos das mais díspares conotações, sejam elas de índole clínica (o 33, por exemplo), cabalística (o 11) e os chamados números redondos, de que o 100, mormente se e quando reportado à longevidade de alguém é, qual talefe, um marco referencial (e reverencial), balizador. E quando sobrevém a circunstância de vários destes números se apresentarem interligados, de entre eles ser possível estabelecer conexões, por remissivos para um referente comum, então verifica-se uma feliz coincidência que, de exultante, deve ser exalçada. É o que acontece – e a seu propósito vêm estas considerações – com a ocorrência, no ano em curso, da celebração de várias efemérides, todas elas não só de assinalável pregnância como também de óbvia e inequívoca interligação, a saber:

- treze anos decorreram desde a data (1994) em que a Universidade Fernando Pessoa – de resto a única a tomar tal iniciativa (fazendo, assim, jus ao seu lema, *NOVA ET NOVE*) – prestou o preito que se impunha a um dos vultos maiores da literatura portuguesa, Miguel Torga, destarte se demarcando, porque ainda em vida do homenageado, de uma sociedade necrolatra;
- um centenário celebraria este ano, caso fosse vivo, o cidadão Adolfo Coelho da Rocha, médico, umbilicalmente ligado à política, que lhe estava inscrita no ADN e constituía o seu “líquido amniótico” e na qual assumida e frontalmente se posicionava como “homem da oposição” (2001, p. 843);
- haverem sido recentemente assinalados (em Abril), conquanto num ambiente de ecuménico pesar, os 33 anos (sintomaticamente, a idade com que também Cristo foi crucificado) da agónica – porque totalmente subvertida na sua idiosincrasia e nas determinantes que presidiram à sua eclosão e escassamente lhe subjazem – revolução de Abril, atonia que aquele clínico ainda teve a desdita de presenciar parcialmente e a que não declinaria acorrer com adequada profilaxia tonificante de molde a obstar ao seu definitivo esmaecimento (caso não continuasse a desdenhar colaborar com a corte de oportunistas que, depois de dela se apossarem, a sugaram até ao estado comatoso em que se encontra, antecâmara de total apagamento).

Três efemérides assaz pregnantas *et pour cause* plenamente justificativas para, *hic et nunc*, prestarmos merecida homenagem ao denominador comum que a todas agrega. Conquanto, para a revisitação do telúrico universo torguiano, delas não carecêssemos: qual lenitivo, esta antes se impõe, arvorando-se em refrigério e fruição em momentos de avigorante retorno às origens. Não obstante, por paradoxal que pareça, as vicissitudes que embebem esse cosmos e a rudeza granítica que o enforma.

Dilucidadas as determinantes da homenagem, impõe-se agora justificar a opção pelos ângulos seleccionados – particularmente difícil porquanto no tratado cosmogónico torguiano nada é subsecivo: propomo-nos equacioná-los focalizando três vectores prioritários, legitimadores desta nossa ligação atávica (quase devota) à obra; a saber, e recorrendo às palavras do autor (2001, p. 940): “Medicina, literatura e política, por ordem decendente. A obrigação, a devoção e a maceração”, as quais, como o próprio confessa, são alvo de desigual empenho e dedicação. Porquanto, ainda que escrever fosse “fundamentalmente o que me importava.” (*id.*, p. 1220), outros imperativos – precipuamente de ordem económica (*maxime* garantir a subsistência) – se interpuseram e inviabilizaram a plena consecução de tal desiderato, daí resultando a pungente constatação “foi à escrita que dei menos horas e as mais cansadas.” (*id.*, *ibid.*), já que “A maior parte do tempo perdi-o a ser médico, chefe de família, cidadão.” (*id.*, *ibid.*)

Paradoxo (mais aparente do que real) que, porque intuído, se apressa a explicar (*id.*, p. 176): “Serviria dois amos, dando a ambos o mesmo devotamento e a mesma fidelidade. Dos honrados serviços prestados a um, tiraria o pão da boca; do inquebrantável esforço dado ao outro, nada receberia. Era uma pura imolação.”

Justificada com a origem assumidamente humilde a necessidade de com igual empenho ter de servir a dois senhores, acresce que também o destino não o bafejou, antes lhe fez passar duras provações, como em lúcida retrospectiva dicotómica (eu/outros) confessa (*id.*, pp. 993-994):

Comecei mal e tarde. Enquanto outros partiram do saber, eu parti do sofrimento. Nenhuma porta se me abriu sem eu a arrombar. Lutei contra a pobreza, lutei contra a ignorância, lutei contra a idade, lutei contra os homens, lutei contra Deus, lutei contra mim. Uma infância rolada, de bola à mercê dos pontapés do mundo, uma juventude esfalfada, de estafeta atrasado na maratona da cultura, uma maturidade crispada, de indesejável na pátria. A criança desaninhada e perplexa nas encruzilhadas do destino, o rapaz a tentar a ferro e fogo fazer-se gente, o homem cercado de incompreensões.

Feito (a traços largos) o esquisso deste ser de eleição, passemos à dissecação de cada uma das vertentes antes referidas.

## 1. MEDICINA

Ainda que esta opção profissional tenha algo de estocástico, e Torga não se iniba de reconhecer ter a mesma resultado de exclusões diversas, porque:

Sem qualidades pedagógicas, canhestro em línguas, inimigo de códigos e sentenças, e, sobretudo, cioso de liberdade, só na arte de Hipócrates poderia encontrar ao mesmo tempo uma profissão e um caminho humano paralelo ao que, sem diplomas de nenhuma espécie, tencionava seguir. (*id.*, p. 176),

a verdade, porém, é que, como reconfortado conclui (e amiúde), foi a mais correcta – não obstante os sacrifícios que exige: “Três dias e três noites sem comer e sem dormir, às voltas com um doente que [...] felizmente está livre de perigo.” (*id.*, p. 915) – para alguém imbuído de arreigadas preocupações sociais:

Teimei, teimei, teimei, e lá consegui convencer a da foice a mudar de seara. Enquanto a tormenta durou, amaldiçoei mil vezes a profissão de médico; mas, apenas a vi amainada, voltei a bendizer a intuição providencial que encaminhou os meus passos de rapaz para o teatro anatómico. À sombra de Hipócrates, e de pleno acordo com o poeta, o homem de acção que também existia em mim poderia lutar, nos limites da bata, até ao ilimite das forças, sem dar cavaco ao tempo histórico envolvente (...). (*id.*, *ibid.*)

Outro tanto acontece quando, convidado por um colega, foi a “uma aldeia sertaneja acudir a uma parturiente que ficou a meio caminho do acto procriador.” (*id.*, p. 1085), e que “estendida no catre”, era já “para toda a povoação a imagem da impotência humana diante

do destino." (*id., ibid.*). Só que, feita "a dequitação, o sol da confiança voltou a brilhar nos olhos desiludidos da comunidade. E mais uma vez senti a alegria de ser médico." (*id., ibid.*). O que, ademais, corrobora à saciedade não só a justeza da opção antes feita como também a propensão para se aproximar dos mais deserdados: "Foi na clínica rural que me senti médico a sério" (*id., p. 733*).

Alegria que de certo modo pode ainda ser percebida como produto da sua pertinácia, pois, confessa (2001b, p. 165), "Obstinado, quantos mais obstáculos via no caminho, mais vontade sentia de os transpor. Tímido por natureza, encarava as dificuldades apavorado e seduzido, ao mesmo tempo." Mas, outrossim, como compensação divina para alguém com quem o destino foi assaz adverso, não obstante dotado de uma idiosincrasia muito peculiar: de carácter recto ("Orgulhoso da humildade da origem, tremo só com a ideia de a atraícoar, por pensamentos, palavras e obras." (2001, pp. 960-961)), inflexível/granítico ("Apesar das arestas que herdei das fragas nativas, e de ferozmente rebelde a todas as transigências e convivências que são o pão nosso do quotidiano social (...)" (*id., pp. 1486-1487*)) e avesso à mundaneidade ("A obscuridade social é o meu clima óptimo de respiração, e quando me vejo em qualquer ribalta sinto-me perdido. Nem reconheço a plateia nem me reconheço." (*id., ibid.*)). E que apesar de não ficar imune a demonstrações de consideração ("Se sempre gostei de ser lido, gostei sempre mais de ser amado. E fui-o, felizmente." (*id., p. 1486*)) é endogenamente desprovido de ambições ("Nunca conheci em mim ambições de qualquer natureza. Nenhuma honra, fama ou proveito me seduz ou seduziu." (*id., p. 960*)) embora não exclua liminarmente a possibilidade de vir a desempenhar funções de índole cívica (*id., pp. 960-961*): "Mas é possível que, noutras circunstâncias, entrasse, mesmo sem querer, na cena política, ou no cumprimento de um imperativo cívico, ou, até, seduzido pelas perspectivas de acção, que me acenamam também dos horizontes da medicina."

Confissão dificilmente compaginável com estoura (*id., p. 1084*): "Obstinadamente rebelde a compromissos de qualquer ordem – políticos, económicos, profissionais, religiosos, literários ou outros –, tornei-me naturalmente um marginal, o que não significa de maneira nenhuma um desertor cívico."

## 2. LITERATURA

Disquisitionada a vertente "obrigação" (médico), passemos à segunda, a "devoção" (produção literária), com ela profundamente interligada (e dela dependente). Aliás, a recorrente alternância de planos, e a sua quase sobreposição, é omnipresente, e nitidamente identificável o nexo de causalidade entre eles, materializado a vários níveis: o da vivência quotidiana (profissional e familiar), o da viagem e o da escrita. De facto, é quando o real se torna mais dilacerante e frenador que, confessa, a ânsia de evasão conduz ao recurso a estas panaceias (antídotos): o viajar compulsivo ("De todas as vezes que a inquietação me lança em correrias aventurosas pelas estradas de Portugal – e hoje o esticão foi de respeito!" (*id., pp. 1019-1020*)), nuns casos; a escrita, noutros ("Quanto mais apertado me sinto na prensa da vida, a estalar de desespero por todos os lados, mais necessidade tenho de escrever" (*id., p. 1017*)).

Contudo, porque assumidamente exigente consigo próprio (ou, mais do que isso, intransigente: "E pronto: aí recomeço eu a luta implacável, sem tréguas, que mesmo quando parece ter acabado foi apenas adiada." (*id., p. 969*)), também o plano da produção literária é objecto de similar vigilância ("esforço-me por escrever bem. [...] tento ser correcto no

que digo, e dizer da melhor maneira" (*id.*, pp. 778-779)), o que redundava em novo suplício, 'auto-infligido' ("É que o escrevo [o Sexto Dia] numa tal necessidade de rigor que cada palavra é como um ponto de honra" (*id.*, p. 1245)). Suplício que a ânsia perfeccionista agrava substancialmente: "a frase mal lançada que era necessário recomeçar mil vezes [...] o verbo repetido sem equivalência no dicionário, a língua sempre dura, resistente, a desafiar o martelo e a bigorna" (2001b, p. 342), tarefa sintomaticamente executada na companhia do Zé Ferreiro ("Cá estamos os dois [...] à bigorna. Ele a malhar no ferro, e eu nas palavras." (2001, p. 945)), porém com menor proficiência para o autor ("Mas na minha forja há mais marteladas e menos chispas..." (*id.*, *ibid.*)) porquanto, "Língua de cavadores, esta nossa, quanto mais se leva à bigorna, menos presta." (*id.*, p. 370)<sup>1</sup>, percepção induzidora de inelutável desânimo: "Mas o pior é o desalento que se apodera de mim ao verificar os magros resultados do esforço, a miséria da colheita no fim de tanta canseira e persistência." (*id.*, p. 969)

Sensação de atonia intensificada quando em incessante busca do rigor construtivo – "Metido nos varais da formulação precisa de ideias intrincadas e sentimentos confusos da frase aparada até ao sabugo e ao mesmo tempo túmida de sentido, passo tormentos." (*id.*, p. 969) – reconhece, mais do que a improficuidade da tarefa, a sua contraproducência: "As trevas que sonhava dissipar parecem-me ainda mais cerradas, o que consegui exprimir é uma caricatura do que pretendia dizer." (*id.*, p. 969)

Constatação que elucubrações pánicas sobrevindas no habitat preferencial, o ventre terrunho e o inerente isolamento – "É aqui, na solidão e no silêncio das noites à lareira, agarrado ao verbo, que avalio com precisão o peso da minha cruz. Realmente, ninguém me podia ajudar, nem a arrastá-la, nem a torná-la mais leve. Isto é só comigo." (*id.*, p. 945) – lhe dão a aguda percepção de quão só se encontra nesta luta titânica e que, não podendo esperar qualquer auxílio, induzem a um pungente vencidismo eivado de negativismo que culmina no reconhecimento da inutilidade da própria obra: "Sim, escrevi penitentemente muitos livros. Mas de que valeu? São páginas em carne viva que me parecem sudários de letras mortas." (*id.*, p. 1246)

Impõe-se, no entanto (é da mais elementar justiça fazê-lo), reconhecer e sublinhar que se os estados agónicos pontificam, constituem a tónica em número não despiendo de registos diarísticos (e não só), a verdade, contudo, é que, qual Sísifo, Torga não desarma na consecução dos predicados que constituem algumas das suas imagens de marca (exigência, perfeccionismo, rigor frásico), requisitos de que – porque atavicamente ligado, pela ancestralidade, a uma incessante busca do rigor que, marcando indelevelmente a infância, molda *ad aeternum* – não concebe prescindir. O que permite estabelecer (e tornar incontornável) a ligação umbilical entre dois sustentáculos maiores da obra: a mundividência do autor e a escrita diarística torguiana. E no que a estes parâmetros concerne, a fidelidade dos registos diarísticos de Torga é irrefragável.

<sup>1</sup> Cáustico, admite, contudo, uma utilidade essencial: "Para pedir pão, serve às mil maravilhas. E nós de pouco mais precisamos." (*id.*, p. 371).

### 3. POLÍTICA

Mas é o terceiro vértice da equação triádica antes enunciada – a política, que com propriedade Torga designa “maceração” – aquele que, por constituir o maior dos seus “cílícios da existência” (*id.*, p. 885), mais jus faz ao epíteto. Com efeito, é ela – porque sempre detonadora de estados depressivos ou, no mínimo, de atonia (e nunca de ataraxia), de registos diarísticos úberes de reflexões agónicas – a responsável máxima pela não consecução da almejada paz interior (“Bem ando e bem corro, mas em vão fujo do meu desassossego. Para onde venha, vem ele.” (*id.*, p. 877)), a causa da sua dispersão (“Estou sempre dividido em cada sítio onde me encontro. Não consigo ter a alma inteira em parte nenhuma” (*id.*, p. 868)). Suplício para o qual nem mesmo a “fidelidade à pujança do chão nativo” (*id.*, p. 882), à “terrosa humanidade” (*id.*, *ibid.*) – altar de uma religião muito peculiar que ciosamente professa e pela qual, demiurgo, zela – constitui antídoto ou refrigério; tampouco para o “homem complicado que sou, carregado de problemas e angústias” (*id.*, p. 954), como mortificado confessa, ao que aduz pungente imprecação: “Maldita inquietação! Pareço um parafuso sem fim a desandar em silêncio na rosca da vida.” (*id.*, p. 893).

Não pode, por isso, constituir surpresa ser a vertente ideológica, ressumbrante em tão poliédrica obra, o ângulo de abordagem em que agora nos detemos para a equacionar, opção que desde já se impõe dilucidar a fim de melhor permitir aquilatar da sua pertinência e razoabilidade.

Ora sendo atávica a ligação de Torga à política – ademais um dos *leitmotivs* da sua obra (e vida) – curial será, *ab initio*, tornar irrefragável a coerência que enforma o seu trajecto neste âmbito. Coerência cujo simples questionamento (“– O senhor não diz nada? – interpelou-me há pouco, despidoradamente, um dos novos prosélitos.” (*id.*, p. 1159)), por ele assumido como um sacrilégio, não só o deixa em escandalizada perplexidade – e o comentário registado no Diário (6/5/1974), em jeito de resposta a um dos neófitos da liberdade, é disso apodixe – como, pior ainda, o vexe: “E fiquei sem fala diante da irresponsabilidade de semelhante pergunta. Foi como se me tivessem feito engolir cinquenta anos de protesto.” (*id.*, pp. 1159-1160).

Reacção de repulsa que, por assaz pregnante do que para Torga representa o seu percurso anterior justifica, com vista à consecução de tal desiderato, o imperativo de começar por tornar cristalina a univocidade granítica com que o seguiu, antes (em esperança caldeada de sofrimento) e depois (em angustiante decepção) do talefe que o 25 de Abril consubstancia. E exemplos demonstrativos da sua actividade política anteriores a este marco balizador é algo que não escasseia, pois sempre se assumiu (e praticou) “por palavras, actos e obras” do “contra”, temeridade pela qual pagou elevado preço (“o Aljube onde já penei.” (*id.*, p. 1011)), o que com lúcida genuinidade lhe permite, entre muitos outros de idêntico teor, este desabafo: “A vida tem-me dado água pela barba” (*id.*, p. 890).

Viajante quase compulsivo, em permanente trânsito pelo país (além das incursões ao estrangeiro) e, concomitantemente, observador perspicaz do que o rodeia e com assinalável mundividência fundamentada num saber de experiência feito (“Li centenas de livros e continuo a ler. Mas é na cartilha da natureza que aprendo.” (*id.*, p. 957)), a imagem que primeiro nos sugere, emanante destas características, é a de um ser desassossegado e inconformado, em permanente e obsessiva busca de algo, imbuído de uma infinitude de missões (salvíficas) das quais dá conta em magistras relatos de lugares inebriantes, em que pontifica, porque arquetípico, o sempre exalçado universo telúrico torguiano (duriense e transmontano) em êxtase fruído.

Relatos que constituem ainda pretexto para outra viagem, a espiritual – concomitante, outrossim importante e por aquela determinada –, em que, após reiteradas “sístoles e diástoles diafragmáticas” (*id.*, p. 882), a irrequietude interior, causadora de frequentes lucubrações pânicas, é também tema para reiteradas catarses purificadoras que, conquanto não lhe propiciem a ataraxia, lhe permitem evoluir-se deste vencidismo cruciante e atingir o êxtase. Que, no entanto, a sistemática imbricação de planos se encarrega de quebrar, ademais prova cabal de nem tudo ser inebriamento no que vê. Ao invés, o que este detona, amiúde, é o “travo amargo da má consciência” (*id.*, p. 1080) e, daí decorrente, a maceração que a omnipresente política implica.

Assim acontece, entre pletora de outras situações, quando, numa viagem pela Europa, plena de fruição, toda a beleza dos monumentos se esfuma perante “a negrura do fanatismo e da intolerância em que se alicerçam” (*id.*, p. 1082) e de que a chegada a Berlim é paradigma, quando à vista de “barreira de ódio” erigida no coração da Europa não se contém e, “indignado e envergonhado ao mesmo tempo” (*id.*, p. 1077), pega na caneta para a descrever e “Abalada a confiança que trazia no paraíso do outro lado do muro” (*id.*, p. 1078) conclui, no seu “lúcido desespero”, serem – de entre um conjunto, que tem perante si, de “jovens de ambos os sexos – imundos, seminus, drogados” (*id.*, p. 1077) – “os da guedelha” (porque “os únicos a demonstrar o seu ostensivo aviltamento”) aqueles que melhor consubstanciam a esperança de que

**(...) só das cinzas deste mundo de violência, ignomínia, beatismo e maceração poderá nascer o do amor puro, do trabalho sem servidão, da natureza reencontrada, da fraternidade vivida – o mundo verdadeiramente livre e justo que Cristo e Marx nos prometeram. (*id.*, p. 1078).**

É, pois, embalado por tal crença, que este assumido (frontal e ousado) “habitante da margem esquerda do rio das ideias” (*id.*, p. 933) vai teimando (“Vou registrando as horas baças deste tempo” (*id.*, p. 929)), ciente de que “O futuro pede sempre contas a uma pena que mente.” (*id.*, *ibid.*). Razão que o leva a preferir “mil vezes o ódio dos que estão, ao desprezo dos que hão-de vir.” (*id.*, p. 929), porque “Verídico, posso alimentar a esperança da companhia sincera de algum leitor futuro; mentiroso, nem a dos mentirosos de agora. (*id.*, *ibid.*)

Intolerante em relação aos poderes instituídos (“Há em mim uma raiz anarquista que me não deixa tolerar o poder.” (*id.*, p. 830)), que não se coíbe de denunciar (“São duas ditaduras a crucificar o homem português. A política e a social. A mesquinhez do meio é aqui, pelo menos, tão tirânica como a prepotência do poder.” (*id.*, p. 1265)) e de cuja sanha persecutória é alvo e sofre as consequências – a ponto de reputar hostil o ambiente (“O desterro dos desterrados é ser desterrado em Portugal. Dum lado, a Espanha, onde os apelos não entram; do outro, o mar, onde os gemidos se perdem.” (*id.*, p. 939)) – é, no entanto, com relativa indiferença que toma conhecimento do desaparecimento do seu ‘carrasco’, que mais não lhe merece do que esta fugaz reflexão (*id.*, p. 1072):

**Coimbra, 27 de Julho de 1970 – Morreu Salazar. Mas tarde de mais para ele e para nós, os que o combatíamos. Para ele, porque não morreu em glória, como sempre deve ter esperado; para nós, porque não o vimos morrer na nossa raiva, na nossa humilhação, na nossa revolta. [...] e acabou por morrer a frio inconscientemente, numa preservada agonia amolecida, a meter dó. A doença desceu-o de super-homem a homem, e a duração dela, de homem a farrapo humano. E, quando há pouco chegou a notícia de**

que se finara de vez, nenhum estremeamento abalou o país. [...] para os adversários “o sentimento de piedade cobriu cristãmente o ressentimento sectário.

Alheamento similar do evidenciado aquando da ocupação das instalações da Pide, a que assiste “juntamente com outros veteranos da oposição ao fascismo” (*id.*, p. 1158): não obstante sua vítima inerte, em tempos progressos, e alvo de recorrente devassa da sua vida privada – agora profusamente documentada através de “um monte de fotocópias” do seu processo, que “uma alma devota” lhe enviara, “Um acervo de documentos ridículos e trágicos ao mesmo tempo.” (*id.*, p. 1178) onde constavam “Os passos que dei durante quarenta anos de hora a hora” (*id.*, *ibid.*), no fundo todo o seu “passado coligido, vasculhado, devassado.” (*id.*, *ibid.*) devido a “denúncias feitas por pessoas insuspeitadas” (*id.*, *ibid.*) –, limita-se a, pudicamente, presenciar “a fúria de alguns exaltados” (*id.*, *ibid.*) enquanto “ia pensando no facto curioso de as vinganças raras vezes serem exercidas pelas efectivas vítimas da repressão.” (*id.*, *ibid.*) dado haver “nelas um pudor que as não deixa macular o sofrimento.” (*id.*, *ibid.*)

Fácil de inferir do atrás dito – e por demais consabido, porque nem elidido nem dissimulado – é o pouco apreço de Torga pelos políticos, dos quais faz questão de se demarcar (“A política é para eles. Sua promoção e para mim uma aflição. E não há entendimento possível entre nós, [...] Separa-nos um fosso da largura da verdade.” (*id.*, p. 1277)), a quem por norma se refere em termos pouco lisonjeiros (“Ouvir um político, é ouvir um papagaio insincero.” (*id.*, p. 848), escrevia já em 1964) e cuja vacuidade e falta de lisura de processos não se cansa de flagelar.

Disforia que ajudará a melhor compreender que, cáustico, insista na sua recorrente hostilização, não hesitando em increpar os seus vícios mais despudorados: a mentira (“Radicalmente insinceros, nenhum pudor os inibe. Mentem com tal convicção que se enganam a si próprios, e acabam por acreditar que são o que fingem ser. Levam-se a sério no papel de homens providenciais.” (*id.*, p. 1277)), a insensatez (“metem raiva e dó ao mesmo tempo. É que são simultaneamente ridículos e ternos como arlequins.” (*id.*, p. 1190)), o arrivismo (“Continua a revolução, e todos se apressam a assinar o ponto.” (*id.*, p. 1159)), a indisfarçável avidez do poder (“A sedução do poder! O deleite com que o saboreiam muitos dos que ainda há pouco juravam abominá-lo! [...] O comportamento desses estadistas de pronto-a-vestir! O que eles dizem e o que eles fazem!” (*id.*, p. 1221) *et maxime*, a reserva mental (“Adquiriram, sobretudo, uma versatilidade mental e moral inesperada.” (*id.*, *ibid.*)) e a duplicidade maquiavélica (“Como os oráculos, tudo o que lhes sai da boca tem dois sentidos. Falam sempre a cobrir a retirada. Às vezes apetece pôr-lhes um espelho diante dos olhos.” (*id.*, *ibid.*))

Causticidade (em relação aos políticos) – contra os quais já antes do 25 de Abril sempre se insurgira – que, no entanto, se agudiza após esta data: frustrado com os ínvios caminhos seguidos pelo emasculador movimento militar (“Estranha revolução esta, que desilude e humilha quem sempre ardentemente a desejou.” (*id.*, p. 1186)), exprobra veementemente (passe a redundância) a desvirtuação (tão inimaginavelmente célere) dos ideais que lhe haviam subjazido: “O que apelidamos de revolução é um despautério social a que teimamos em dar esse nome sagrado.” (*id.*, *ibid.*).

E apesar de, premunitoriamente, ter recebido a notícia da revolução com indisfarçável cepticismo (“Coimbra, 25 de Abril de 1974 – Golpe militar. Assim eu acreditasse nos militares.”) e justificada suspicácia (“Foram eles que, durante os últimos macerados cinquenta anos pátrios, nos prenderam, nos censuraram, nos apreenderam e asseguraram com as baionetas

o poder à tirania. Quem poderá esquecê-lo? (*id.*, p. 1158)), ainda se esforça por acreditar, inclusive participando, no 1º de Maio de 1974, no “Colossal cortejo pelas ruas da cidade.” (*id.*, p. 1159), em que segue “o caudal humano, calado, a ouvir vivas e morras”, porém “travado por não sei que incerteza, sem poder vibrar com o entusiasmo que me rodeava, na recôndita e vã esperança de ser contagiado.” (*id.*, *ibid.*), desiderato que o seu profundo pessimismo lhe impede alcançar: “Mas não. Dentro de mim ressoava apenas uma pergunta: Em que oceano de bom senso iria desaguar aquele delírio?” (*id.*, *ibid.*)

E é justamente porque dotado de tão sólida formação política (“As revoluções não se fazem de cartilha na mão, digam o que disserem os ortodoxos.” (*id.*, p. 1018)) e tendo em conta o ocorrido com o Maio de 68 – que, não obstante dispor de todas as “condições exigidas pela teoria” para poder vingar (“a sublevação consciente na rua, os meios de produção nas mãos dos trabalhadores, [...] o poder às aranhas – e nada.” (*id.*, *ibid.*)), falha estrondosamente porque “os textos sagrados [...] só valem o que vale a liberdade de quem os lê.” (*id.*, *ibid.*) – que começa a descrever. Descrença avolumada porque, imbuído de aguda consciência social (além da individual) e, *ipso facto*, cômico do caminho desviante pelo qual as exigências estavam a enveredar, com recorrentes greves e “Reivindicações sucessivas a torto e a direito.” (*id.*, p. 1275), teme a irreversibilidade desta espiral reivindicativa como se “Um povo subserviente, que recebia e agradecia de chapéu na mão, como favores concedidos, os próprios direitos” (*id.*, *ibid.*) se tivesse resolvido, de súbito, a exigir “agora o possível e o impossível, numa desforra serôdia.” (*id.*, *ibid.*), pelo que, após assinalar o carácter revanchista do presente, conclui, “As revoluções em Portugal, em vez do triunfo de ideais novos, são ajustes de contas velhas.” (*id.*, *ibid.*). Não se coibindo, para vincar a sua decepção, de recorrer a impiedosa comparação: “Parecemos ursos num circo.” (*id.*, p. 1166), pois “Em vez de tentarmos humildemente aprender os primeiros passos da democracia, fazemos cabriolas na arena à espera que o mundo nos aplauda. E o mundo ri-se. Coitados de nós!” (*id.*, *ibid.*)

E não obstante conseguir identificar *in statu quo* aspectos positivos (“Vamos finalmente dar independência aos povos colonizados.”<sup>2</sup> (*id.*, p. 1167)) e reconfortantes (“Eleições sérias, finalmente. E foi nestes cinquenta anos de exílio na pátria a maior consolação cívica que tive.” (*id.*, p. 1183)), o conhecimento profundo que tem, quer da natureza do povo (“Não temos civismo, não temos riquezas, falta-nos o juízo.” (*id.*, p. 1238)), quer dos políticos (“andam ao desafio. Cada qual quer ser mais irresponsável do que o parceiro. E consegue-o sempre.” (*id.*, p. 1237)), quer ainda dos pseudogovernantes da época (“Os nossos revolucionários lembram-me sempre religiosos frustrados. Quando cuidam que são clarividentes, são visionários. Em vez de os iluminar a inteligência, deslumbra-os a fé.” (*id.*, p. 1250)), desesperam-no e levam-no a equacionar hipóteses de um radicalismo absoluto. Como, por exemplo, quando afirma: “Apetece fugir, deixar de vez esta pátria que mais ninguém sabe reconhecer, [...] e onde o capricho de um galoado qualquer, [...] muda o curso de uma revolução.” (*id.*, p. 1179). Desiderato cuja inxequibilidade acaba por admitir (*id.*, *ibid.*), visto exigir-lhe algo para si impensável:

**Para poder partir teria de meter no bernal o Marão, o Douro, o Mondego, a luz de Coimbra, a biblioteca e as vogais da língua. Sou um prisioneiro irremediável numa**

<sup>2</sup> Asseveração a que, lúcida e premunitoriamente, aduz: “Uma independência que sem dúvida lhes irá custar cara, mas não há nenhuma que seja barata.” (*id.*)

penitenciária de valores tão entranhados na minha fisiologia que, longe deles, seria um cadáver a respirar.

E é este apego ao ventre terrunho o incentivador da arreigada crença numa reversão da situação, designadamente que, por serem “muitos anos de humilhações recalçadas, de indignações impotentes, de prepotências sofridas.” (*id.*, p. 996) e por não haver capacidade humana para tanto padecimento, pudesse sobrevir um processo catártico, uma saída demiúrgica susceptível de produzir algo encantatório. De que, porém, cedo descrê: o reconhecimento do estado de pânico abúlico em que as pessoas viviam (“Prudentemente fechado no seu casulo, cada qual olha o vizinho como um inimigo, a quem não fala e a quem não quer ouvir. Falar, é denunciar-se; ouvir, é comprometer-se.” (*id.*, p. 977), a imperante castração intimidatória (“Que povo este! Fazem-lhe tudo, tiram-lhe tudo, negam-lhe tudo, e continua a ajoelhar-se quando passa a procissão.” (*id.*, p. 1018), levam-no à descrença total. Daí a perplexidade com que assistiu a que, fruto das condições propiciadas e ao arrepio do expectável, as pessoas tivessem reagido com o desbragado ímpeto (“Tem sido de caixão à cova. Pobre país! E o que estará ainda para vir!” (*id.*, p.1166)) e a imoderação plasmada nesta (feliz) imagem: “quando o sono desaperta a cilha que segura a albarda do comportamento, sem diques de contenção, a maré negra espraia-se à vontade.” (*id.*, p. 996)

Por isso, testemunha privilegiada (e plenamente consciente) dos “estrebuchões que a pátria dá no hospital revolucionário a que a reduziram!” (*id.*, p. 1181) e, *ipso facto*, angustiada com o estado catatónico em que a puseram, contra eles se insurge, pedagogicamente teimando com “Páginas que não afinam por nenhum diapasão ortodoxo, e irritam particularmente os festeiros cá da pátria” (*id.*, p. 929), ao mesmo tempo que procura, mas em vão, abstrair-se:

**Bem quero, mas não consigo alhear-me da comédia democrática que substituiu a tragédia autocrática no palco do país. Só nós! Dá vontade de chorar, ver tanta irreflexão. Não aprendemos nenhuma lição política, por mais eloquente que seja. Cinquenta anos a suspirar sem glória pelo fim de um jugo humilhante, e quando temos a oportunidade de ser verdadeiramente livres escravizamo-nos às nossas obsessões. (*id.*, p. 1258)**

E porque incapaz de inteligir as determinantes da irracionalidade prevalecente, “Chega a ser aflitivo o denodo com que procuramos o nirvana da falência, a paz morta da abdicação do espírito. Procedemos na vida como alguém que forçasse as portas de uma cadeia, não para sair, mas para entrar.” (*id.*, pp. 975-976) e impotente para a reverter, limita-se à constatação do óbvio:

**Somos, realmente, os parentes infelizes da humanidade. [...] Levianos em todas as situações, é só por irresponsabilidade que damos saltos mortais sem qualquer rede de protecção. É ver neste momento: transitamos do medo para covardia com a mesma cara, esquecidos de que se o medo assentava no legítimo sentimento de fraqueza diante daqueles que tinham o poder de nos aniquilar, a covardia passa apenas pela nossa indignidade. (*id.*, p. 1168)**

## CONCLUSÃO

Inferência legítima da plethora de decepções que a política constituiu para Torga – mormente depois do 25 de Abril, tal o arrivismo e despudor dos seus prosélitos – é, mais do que compreender-se, aceitar-se, que após lúcida e descaróavel retrospectiva (“Debruço-me à janela do tempo e fico sem saber se actuei bem ou mal na vida. Não consigo aclarar na maior parte dos meus actos a razão profunda que os motivou.” (*id.*, p. 1244)), que o iliba de qualquer responsabilidade (“Da longa aventura de que fui o triste herói, apenas posso dizer que a levei a cabo porque havia um destino a cumprir e cumpri-o.” (*id.*, *ibid.*)), conclua – não sem antes aduzir, com dilacerante cepticismo (catastrofismo?), tanto mais preocupante quanto nem os jovens exime (*id.*, p. 1275):

**Quem o diria, há meia dizia de anos! E, contudo, a trágica realidade é o que se vê: uma juventude vadia, petulante, sem memória colectiva, sem um arquétipo da pátria no entendimento, sem passado e sem futuro, a viver apenas tumultuosamente a hora que passa, consumidora privilegiada de bens que não criou e pelos quais nem obrigado diz, [...] e que junta à insolência natural a inconsciência.**

conclua, dizíamos, com o plangente desabafo: “Para o que eu estava guardado!” (*id.*, p. 1261).

Daí a plena oportunidade e adequação do título desta reflexão: foi incomensuravelmente mais a maceração que a devoção a pontificar no arquetípico percurso existencial do ser de eleição que é Torga.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PONCE DE LEÃO, I. (2005). *A Obrigação, a Devoção e a Maceração. (O Diário de Miguel Torga)*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- TORGA, M. (2001). *Diário*. Lisboa, Círculo de Leitores.
- TORGA, M. (2001b). *A Criação do Mundo*. Lisboa, Círculo de Leitores.